

## Entrevista SPDMov – Maio de 2021

“À Conversa com...” o Professor Doutor Alexandre Castro Caldas, Diretor do Instituto de Ciências de Saúde da Universidade Católica Portuguesa e Médico Neurologista.



### **Como e quando surgiu o seu interesse pela ciência e pela medicina?**

Bisneto de Médico (Francisco Teixeira de Queiroz que foi romancista e Presidente da Academia das Ciências), neto de Médico (Eugénio Castro Caldas que esteve na 1ª Guerra em França e foi o primeiro Diretor do Hospital Militar da Estrela), sobrinho de Médico (António Castro Caldas que foi catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa) e filho de Catedrático noutros domínios, desde que me lembro que dizia querer ser Médico. A curiosidade e o estímulo ao saber foram sempre uma presença na minha educação. O encontro com António Damásio, em 1970, moldou definitivamente a minha forma de estar na Medicina.

### **Iniciou a sua carreira profissional em 1974. Volvidos todos estes anos, que diferenças encontra entre a medicina desses tempos e a atualidade?**

Em 50 anos muito mudou em desenvolvimento tecnológico e em produção do saber bem como na facilidade de acesso à informação. Isso condicionou uma certa desumanização da prática do cuidado de saúde que felizmente começa a reverter-se. Em Portugal não podemos esquecer que há 50 anos grande parte da população não tinha acesso a cuidados de saúde em condições e que o país não conseguiu pôr no terreno o que teoricamente tinha desejado. Hoje estamos numa transição ainda difícil de definir mas à qual temos que dar a maior atenção. Preocupa-me principalmente a preparação técnica científica de todos os intervenientes nos processos de saúde.

### **Foi até fevereiro de 2004, Professor Catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa e Diretor do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Maria de Lisboa. O que recorda com mais saudade destes tempos?**

O contacto com o legado de Egas Moniz e com os que foram meus mestres na Neurologia – Almeida Lima, João Alfredo Lobo Antunes, Miller Guerra e, naturalmente António Damásio - e recordavam a sua história. Da mesma forma o contacto com os alunos foi e continua a ser muito enriquecedor.

**Foi Presidente da International Neuropsychological Society (2000-2001). Como foi gerir este cargo?**

Esta Sociedade é predominantemente Americana. Naquela altura teria 5.000 membros dos quais 3.500 eram americanos. Fiquei naturalmente surpreendido quando me propuseram candidatar-me e depois quando soube ter ganho contra outros candidatos. O mais difícil foi presidir às reuniões gerais de carácter administrativo em que se discutiam muitas vezes assuntos muito próprios das preocupações dos EUA. Felizmente tinha um excelente Secretário-Geral americano que me guiou muito bem por esses assuntos. O mais importante foi ter ficado com muitos amigos espalhados pelo mundo que me têm ajudado no apoio a muitos dos meus alunos que querem passar algum tempo fora do país.

**Em 2009 esta mesma sociedade atribuiu-lhe o Distinguished Career Award. É um momento importante na sua carreira porque...**

Porque representa um reconhecimento de trabalho feito pela sociedade. A sociedade reuniu em Lisboa e anos mais tarde no Funchal por minha iniciativa. Ajudei também à ligação ao Brasil e participei em cursos vários no âmbito das reuniões anuais. Julgo que também pelo meu contributo em publicações de interesse para o domínio da Neuropsicologia.

**Atualmente é Diretor do Instituto de Ciências de Saúde da Universidade Católica Portuguesa. O que nos pode dizer sobre este trabalho? Que papel vê para a formação em Medicina em Universidades privadas em Portugal?**

Aceitei o desafio da Universidade Católica para organizar o ensino e investigação dos temas da saúde e nomeadamente para criar o curso de Medicina. O instituto está prestes a concluir a sua missão incubadora. Está bem estruturado o Mestrado Integrado de Medicina Dentária em Viseu, está consolidado o ensino dos três níveis em Enfermagem em Lisboa e no Porto, e vai abrir o Mestrado Integrado de Medicina no próximo setembro. Este curso está na lógica do ensino Universitário português que, com naturalidade, reconhece tanto o público como o privado. O mesmo acontece com o ensino de Enfermagem. A única condição que impus a mim próprio foi a de que o curso teria que ter muita qualidade e emparceirar com o ensino das melhores universidades. Por isso propus a ligação ao programa da Universidade de Maastricht que me parece dos mais interessantes. Esta é também a posição da Universidade Católica que não é exatamente uma privada, no sentido de negócio, pois não tem fins lucrativos e esforça-se por ter a melhor participação em vários domínios. Para além disso a rede de Cursos de Medicina nas universidades Católicas de todo o mundo representa também uma garantia. Estou certo de que faremos um bom serviço ao país.

**Participa em diversos projetos de investigação. Sumariamente, o que pode nos descrever sobre este seu trabalho?**

O meu interesse dominante tem sido muito as ciências cognitivas nomeadamente o papel do ensino escolar na plasticidade cerebral. Penso que o projeto mais interessante que desenvolvi foi feito em colaboração com o Instituto Karolinska com Martin Ingvar e Karl Magnus Peterson e com uma estudante de doutoramento, Alexandra Reis. Neste projeto apoiado pela Comissão Europeia, viajei com voluntárias portuguesas para Estocolmo onde realizaram PET scan para comparar a atividade cerebral de analfabetas e escolarizadas. Para além do interesse científico do projeto, que teve grande impacto, pude conviver de perto com as voluntárias que me deram importantes lições de vida. Mais recentemente tenho pensado um pouco sobre a língua gestual das pessoas surdas tendo trabalhado com a Prof<sup>a</sup> Ana Mineiro, responsável no Instituto pelo programa de desenvolvimento da língua gestual em S. Tomé e Príncipe.

**Os seus principais interesses científicos relacionam-se com as Neurociências Cognitivas e com as Doenças do Movimento. Porquê?**

Posso considerar que esse foi o legado de António Damásio. Eram os temas que ele cultivava na altura e que abracei. A clínica das Doenças do Movimento que nasceu na consulta de Parkinson do Hospital de Santa Maria foi um lugar importante de formação de Neurologistas que hoje desempenham papéis importantes nestes campos científicos, como é o caso de Cristina Sampaio, Joaquim Ferreira ou Mário Miguel Rosa. O Laboratório de Estudos de Linguagem que faz agora 50 anos de existência que foi criado por António Damásio é um excelente exemplo de uma Escola que tem tido continuidade de excelência, pela mão de Isabel Pavão Martins, sendo referência nacional na área daquilo a que antes se chamava Funções Nervosas Superiores.



**Já escreveu um conjunto considerável de livros sobre neurociência. A escrita é um complemento importante no seu trabalho?**

A escrita ajuda a estudar e a pensar sobre os assuntos de forma mais arrumada. Procuo sempre escrever de forma que quem leia compreenda bem o que quero dizer.

**O seu impacto nas neurociências em Portugal tem sido enorme. O que lhe falta ainda fazer?**

Tenho ainda alguns projetos que gostaria de levar por diante, sobretudo no apoio a pessoas com doenças da cognição e do movimento na perspetiva clínica. O tema que me tem ocupado como projeto de escrita é a inteligência humana. Tem tido avanços e retrocessos.

**No passado dia 11 de abril comemorou-se o Dia Mundial da Doença de Parkinson. Por que razão este dia é tão especial?**

Eu penso que a voz das pessoas doentes é cada vez mais importante, por isso, haver dias que chamam a atenção é importante porque se mobilizam os media, o que tem muita importância.

**Esta conjuntura que vivemos por causa da Covid-19, pode ter um impacto importante nos doentes com patologias associadas às doenças de movimento?**

Julgo que estamos ainda longe de perceber os efeitos a longo prazo no SN. Sem dúvida que do ponto de vista psicológico tenho visto muito sofrimento, mas julgo que há impacto também sobretudo na fadiga e na atividade muscular.

**A SPDMov tem realizado um trabalho consistente na procura de soluções para esta área. Tem feito bons “movimentos” porque...**

As sociedades científicas são o contraponto das associações de doentes pois são independentes das estruturas governamentais e podem fazer as pressões necessárias para a resolução de problemas. Servem também para promover informalmente o conhecimento novo. A SPDMov resulta da evolução natural do Grupo de Estudo de Doenças Extrapiramidais cuja formação propus aos colegas dos principais Serviços de Neurologia em 1976. Este grupo, que inicialmente era pequeno, reunia anualmente em diversos lugares do país para discutir estes temas o que permitiu haver uma enorme aproximação entre os serviços com relações pessoais únicas, visto que viajávamos muitas vezes com as famílias, sem apoios nenhuns externos. Volvidos estes anos ainda se mantêm relações que vão muito além da formalidade da relação profissional.